

NARRATIVIDADE E TERRITÓRIO:

QUESTÕES DE PROJETO E PLANEJAMENTO

Luciana Saboia Fonseca Cruz (PPG-FAU-UnB)

Carolina Pescatori (PPG-FAU-UnB)

RESUMO GERAL

Paul Ricoeur, em seu texto “Architecture et Narrativité”, enfatiza que há uma progressão no ato de narrar as configurações da cidade e seus fenômenos urbanos. A narratividade do habitar liberta-se da vida cotidiana e invade o construir de cidades, de territórios e de suas paisagens. Essa “mise-en-intrigue”, segundo o filósofo, consiste em compreender, em fazer uma história com eventos, reunir em uma trama: *intreccio*, a trança. *Intreccio*, em italiano, significa o enredo, a trama, mas também o emaranhado, o entrelaçamento. Se “as narrativas de vida são naturalmente confusas”, portanto a narratividade é a tentativa de trazer à tona o “inextricável”, aquilo que não se pode desvendar, são elementos entrelaçados, entrecruzados a ponto de não se poder reconhecê-los, dissociá-los ou elucidá-los.

A urbanização contemporânea desafia as concepções tradicionais de cidade, enquanto os processos de produção do espaço dissipam velozmente os limites entre rural e urbano, entre centro e periferia, entre formal e informal. O urbanismo, como campo do conhecimento, tem focado parte significativa de seus esforços teóricos e empíricos sobre esse fenômeno. No entanto, é notória a força conservadora de narrativas nostálgicas e romantizadas de reconstrução da cidade pré-modernismo/pré-moderna, resgatada como modelo paradigmático tanto de projeto quanto de planejamento. Este processo se alinha ao que Zygmunt Bauman identifica uma “epidemia global de nostalgia”. Epidemia que resulta da dissolução gradativa dos laços sociais, do declínio do público e da instalação do medo como afeto regulador das práticas sociais. Assim, a utopia é substituída por ‘retrotopias’, “visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, em vez de se ligarem a um futuro ainda por nascer”. Assim, torna-se premente (re)pensar, (re)construir o pensamento sobre a cidade, formando outras narrativas sobre o urbano, o projeto e o planejamento.

Ao reposicionar a cidade contemporânea como trama narrativa, parte-se da premissa de que o projetar, o planejar, o construir são enredos de entrelaçamentos de ações concordantes-discordantes no tempo, em constante transformação. Portanto, o ato projetual, traz uma segunda ideia na ação da narrativa, a inteligibilidade, seja a do projeto ou a do planejamento. A expansão urbana contínua, o transbordamento de perímetros e

fronteiras, as formas de apropriação de territorialidades e a contínua desigualdade social implicam em novas de apreender e narrar o espaço cidadão.

Esta sessão pretende aportar lado-a-lado narrativas que (re)elaborem o pensar sobre o território e desdobrar fenômenos, espacialidades e temporalidades diversas, no intuito de trazer à tona o "inextricável" do projeto e do planejamento. Adota-se a ideia de intertextualidade de Paul Ricoeur para confrontar ideias e entendimentos sobre o projetar e o planejar, no intuito de elucidar e compreender o habitar-construir de territórios contemporâneos, aqui abordados como projeto, como história, como método-crítico, como escala e como paisagem.

IMAGENS QUE NARRAM O PROJETO

Paulo Reyes e Daniele Caron (PROPUR/UFRGS)

Este texto fala de cidade, e para tanto, fala de projeto. Projeto como um processo aberto, complexo e dissonante, atento, sobretudo, à disputa entre narrativas que constituem a arena urbana. Como introduzir o conteúdo semântico e subjetivo das narrativas no projeto de cidade? A intenção deste texto é trazer à tona duas experiências de pesquisa em curso que remetem a algumas dimensões da narrativa que podem enunciar táticas projetuais que dialogam de modo criativo com a complexidade urbana contemporânea. A primeira, relacionada à dimensão imagética, busca produzir um deslizamento da posição da imagem como referência a seguir, para compreender o papel das imagens muito mais como reveladoras das diferenças e dos conflitos expressos no espaço da cidade do que como um reforço de um pensamento consensual. Assim, posiciona-se as imagens como rasgaduras de uma identidade consensual. A segunda experiência, relacionada à dimensão textual, busca interpretar as narrativas orais e literárias sobre a cidade, a partir das operações de prefiguração, configuração e refiguração de Ricoeur. Esta sequência de operações gera uma metaescrita da cidade que agencia temas e argumentos, e pode expressar-se através de novas cartografias. A narrativa é aqui entendida como um dispositivo imagético, textual ou oral que dá a ver enunciados que expressam o real da cidade, para além das concepções ideais do projeto urbano.

MATERIALIZANDO A HISTÓRIA: BENJAMIN E O PARADOXO DA NARRATIVA DO PASSADO URBANO, NOS ESCRITOS DE SEBALD, SINCLAIR, PELTZER, BACKES.

Rita Velloso (EA - UFMG)

Nos discursos que cercam as práticas históricas urbanas, a história material é frequentemente celebrada como sendo a forma mais dinâmica e efetiva da história contra hegemônica – ou, nos termos de Benjamin, a história dos vencidos. Em tais contextos, a história materialista da cultura de Walter Benjamin é sempre pensada como desafio para as narrativas da historiografia urbana tradicional; o mapeamento dos vestígios, ruínas e resíduos e de uma paisagem urbana é profundamente problemático. A crescente institucionalização da história material levou vários escritores contemporâneos e críticos culturais a questionar seu vigor crítico. Para escritores como W. G. Sebald, Iain Sinclair,

Marcelo Backes e Ulrich Peltzer, a história deve ser o resultado de conjuntos de práticas subjetivas e modos de crítica: um modelo de envolvimento com o ambiente urbano que tenta mediar o sujeito e o objeto da historiografia urbana. Este trabalho é uma tentativa de mapear essas preocupações em relação a Walter Benjamin, sugerindo que a obra de Benjamin prefigura a problematização da história material enfrentada por muitos historiadores, escritores e críticos culturais urbanos que se seguiram a ele.

A NARRATIVA PARANÓICA COMO MEIO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A CIDADE CONTEMPORÂNEA E CONSTRUÇÃO DE NOVOS REPERTÓRIOS DE PROJETO

Guilherme Lassance (PROURB/UFRJ)

Em sua célebre análise da cidade de Nova York, Rem Koolhaas não se contenta apenas com a construção de conceitos a partir de determinadas evidências detectadas no corpo de provas da metrópole novaiorquina, mas revela também os princípios do procedimento utilizado para tal empreitada teórica: o método crítico-paranóico emprestado ao artista surrealista Salvador Dalí. No capítulo dedicado à explicitação do método, Koolhaas nos lembra que a paranóia é um *delírio de interpretação* e é precisamente aí que mora a relação ao mesmo tempo intensa e distorcida que a paranóia estabelece com o mundo real. A subversão do sistema vigente de referências torna-se possível graças à *base factual* sobre a qual arma-se a tese conspiratória do manifesto retroativo. Essa pretensão de neutralidade, universalidade e fidelidade com os fatos narrados a aproxima do discurso jornalístico e tem como consequência o enfraquecimento e até mesmo combate ao conceito de autoria. Essa semelhança estrutural nos remete à retórica de diluição do autor que associamos à crescente legitimidade da atividade jornalística como modo de formação da opinião pública em um mundo contemporâneo marcado pelo declínio do papel das instituições tradicionais. A essa crise das instituições corresponde precisamente a possibilidade de rompimento com os sistemas de verdades estabelecidas pelos campos disciplinares instituídos. A libertação disciplinar é assim ao mesmo tempo causa e efeito da abertura para temas e objetos de estudo inusitados. É com essa perspectiva que serão relatadas experiências de pesquisa e projeto estimuladas pelas possibilidades que tal abertura permite explorar.

METROPOLIZAÇÃO RODOVIARISTA, EXTENSIVA E PERDULÁRIA: NARRATIVA E ESCALAS DE PLANEJAMENTO E PROJETO

Benny Schvarsberg (PPG-FAU/UnB)

A imagem inicial da narrativa proposta é a metrópole em movimento: um comboio de carros numa sucessão de paisagens urbanas metropolitanas de Brasília e sua periferia. Circular nos horários de rush pelas arteriais que fazem um carregado fluxo de carros, motos e ônibus ligando Brasília e periferia metropolitana, induz sensação visual e corpórea de que a Metrópole se movimenta. Inspirada por Eco (1984), se um extraterrestre observasse a população norte-americana circulando pelas rodovias pareceria multidão de formigas em permanente movimento. A cidade metropolitana transborda e expande os limites político-administrativos originais; Brasília, soma Plano Piloto e proximidades e 12 cidades-dormitórios goianos onde os municípios se sublimam na metrópole, uma cidade amalgamada. Rodovias estruturais em movimento apinhado de veículos conformam

paisagens urbanas da metropolização rodoviária de Brasília. Mas não são as únicas que carregam a conotação imagética dessa cidade-metrópole com traços simultâneos cosmopolitas e provincianos convivendo a poucos quilômetros, arquitetura e urbanismo modernista dos anos 60, arquiteturas pós-modernas e as mais arcaicas e precárias formas de civilização e barbárie urbana e humana. A narrativa dessa metrópole carrega no comboio em movimento, desafios de identificação e problematização de formas e modos de planejamento e projeto dialogando sem maniqueísmos com suas perversidades e potencialidades.

NARRAR PAISAGENS, DESENHAR CIDADES E RECONHECER MARGENS

Luciana Saboia e Carolina Pescatori (PPG-FAU/UnB)

A paisagem é normalmente relacionada à apropriação *in visu* da natureza – presente na ecologia, na vegetação, no clima, na topografia. Entretanto, quando a paisagem é apropriada pela ação humana, pelo habitar *in situ*, pelos que migram e por quem nela vive, passa a incorporar novos sentidos e significados. Os habitantes impõem-se à natureza e ao lugar e quando menos esperam são dominados pelo território. Pode-se afirmar o mesmo de paisagens reconhecidamente urbanas. O construir se entrelaça e se prende aos fios de um tecido conformando uma textura, uma trama no território. Implanta-se ordem, sequência ou encadeamento de lugares em uma tessitura entendida aqui como *contextura urbana*. Esse talvez seja o significado mais próximo de tecido urbano, expressão tão usual na disciplina de Urbanismo. No caso de paisagens metropolitanas, a construção de paisagens implica nas promessas e desejos de um novo devir, mas também as memórias dos imigrantes, das parcelas mais desfavorecidas da população, ou mesmo invisíveis que se misturam na multidão, que flanam nos grandes espaços de representação ou nas margens. Neste sentido, as narrativas da paisagem referem-se não somente à trama entre ambiente e território, mas também às suas aspirações de escala e de luta por reconhecimento social. Ao reposicionar a questão da paisagem como narrativa, esse estudo propõe uma leitura revisitada do papel do projeto e do planejamento urbano como ação contínua e meio de expressão sócio-política.
